



Revista Psicologia e Saúde

E-ISSN: 2177-093X

-

Universidade Católica Dom Bosco
Brasil

de Marie Oliveira, Dayse; Simão Cruz, Maria Helena
Sobre a Psicologia de Massas do Fascismo de W. Reich
Revista Psicologia e Saúde, vol. 1, núm. 1, julio-diciembre, 2009, pp. 70-76
Universidade Católica Dom Bosco

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=609866390009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Sobre a Psicologia de Massas do Fascismo de W. Reich

About W. Reich's Mass Psychology of Fascism

Acerca de la Psicología de Masas del Fascismo de W. Reich

Dayse de Marie Oliveira

Maria Helena Simão Cruz

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo aborda as idéias de Wilhelm Reich contidas na obra “Psicologia de Massas do Fascismo”, contextualizando-a no momento histórico em que foi escrita. Lançado pela primeira vez em 1933, o livro ainda continua sendo republicado devido ao seu conteúdo atual. Foram destacadas as principais idéias do livro, quais sejam: 1) porque o homem médio adere ao fascismo quando este não se propõe a ajudá-lo; 2) como as repressões sofridas no seio das famílias são ampliadas para a vida adulta e para as escolhas baseadas no medo e na repressão; 3) como a moralidade fascista tem interesse na criação de indivíduos submissos, que se adaptem à ordem autoritária; 4) os entraves à liberdade humana; 5) e, finalmente, a redenção pela democracia do trabalho onde se destaca a postura otimista do autor diante do quadro patológico apresentado.

Paravras-chave: Wilhelm Reich; Psicologia de massas; fascismo; repressão sexual; economia sexual.

Abstract

This article discusses Wilhelm Reich work “Mass Psychology of Fascism” by placing it in the historical context in which it was written. Released for the first time in 1933 the book continues being re-published for its actuality. We highlight the main ideas of the book: 1) why the common person supports fascism in spite of not being in his interest; 2) how repression suffered within family extends to adult's life affecting his choices based on fear and repression; 4) the obstacles to human freedom; 5) and, finally, redemption through the democracy of work in which we emphasize the optimistic view of the author in spite of the pathological situation he describes.

Keywords: Wilhelm Reich; Mass Psychology; Fascism; Sexual Repression; Sexual Economy.

Resumen

Este artículo aborda las ideas de Wilhelm Reich contenidas en su obra “Psicología de Masas del Fascismo”, situándolas en el contexto histórico en que fue escrito. Lanzado por la primera vez en 1933, el libro sigue siendo re-publicado por su contenido actual. Destacamos las principales ideas del libro: 1) porque el hombre común adhiere al fascismo cuando éste no se propone ayudarlo; 2) como las represiones sufridos en el seno de la familias se extienden para la vida del adulto y sus elecciones basadas en el miedo y la represión; 3) como la moralidad fascista tiene interés en la creación de individuos sumisos, que se adapten al orden autoritario; 4) los obstáculos a la libertad humana; 5) y, finalmente, la redención por la democracia del trabajo donde se destaca la posición optimista del autor frente al cuadro patológico presentado.

Palabras clave: Wilhelm Reich; Psicología de massas; fascismo; represión sexual; economía sexual.

A proposta deste artigo é apresentar ao leitor as principais idéias de Wilhelm Reich contidas no livro “Psicologia de Massas do Fascismo”, contextualizando a obra dentro do momento histórico em que foi escrito. O livro é uma referência em sua vasta obra, pautada principalmente na clínica. Entretanto, o seu trabalho atravessou os limites da clínica, como observamos neste material, datado de 1932. Por sua importância na discussão acadêmica atual, e pela dificuldade, de se dedicar às mais de 370 páginas da edição brasileira, entendemos que o conteúdo do livro merece um mapeamento para os tantos interessados.

Reich foi o primeiro psicanalista a aderir às ideias de Karl Marx, (Albertini e Bedani, 2009) tendo influenciado o pensamento de seguidores, mais um motivo que justifica uma releitura da sua obra.

Uma breve biografia se torna relevante para que o leitor possa situá-lo no contexto histórico e político.

Wilhelm Reich (1897-1957) nasceu no Império Austro-Húngaro, numa parte da Galícia, mudando-se em seguida para a Bukovina, região hoje pertencente à Hungria, onde o pai adquiriu terras. Em 1910 perde a mãe, que comete suicídio e em 1914 perde o pai. Permaneceu na fazenda até 1915, com o único irmão, três anos mais novo, quando o Império Austro Húngaro sucumbe, durante a Primeira Guerra Mundial. Perde agora as terras e os empregados (Sharaf, 1983)

De 1915 a 1918 serve no exército austriaco, indo em seguida para Viena, onde cursou a faculdade de Medicina, num programa acelerado de quatro anos para os que tinham servido na guerra.

Teve o seu primeiro contato com Sigmund Freud

através de um seminário extracurricular de sexologia, quando apresenta o ensaio intitulado “Conceitos de libido de Forel a Jung”. Aqui contrasta o uso do termo libido entre os autores pré-freudianos e Freud (Boadella, 1985).

Reich identificou explicações da psicanálise com a sua própria história e ficou muito impressionado com a personalidade de Freud (Sharaf, 1983). Este permite que Reich atenda pacientes de psicanálise e encaminha-lhe vários casos. Antes de ter concluído o curso de medicina é aceito na Associação Psicanalítica de Viena em 1920. A sociedade ainda não tinha a estrutura organizada dos anos posteriores.

Quatro anos depois, passa a dirigir o Seminário de Terapia Psicanalítica da Policlínica Psicanalítica de Viena, função que exerceu durante seis anos. A partir de 1923 começa a defender a ideia de que as neuroses estão relacionadas com uma estagnação da energia sexual não descarregada. A análise deveria, segundo Reich (1982), restabelecer no paciente a capacidade de descarga dessa energia. Mais tarde publica “A Função do Orgasmo, “onde esta tese foi desenvolvida.

Nos primeiros anos do seminário focalizou as resistências, quando propõe a técnica da *análise do caráter* para quebrar a resistência daqueles pacientes mais inibidos, técnica essa ainda hoje usada por diferentes correntes de psicoterapia.

Em 1927 ingressa no movimento de esquerda austríaco, motivado principalmente por presenciar o assassinato de um grevista vienense por parte de policiais, numa manifestação de intenções pacíficas. Em 1928 se torna subdiretor da Policlínica Psicanalítica. Concomitante às atividades ligadas à psicanálise, cria vários centros de higiene sexual, participando intensamente de movimentos políticos, o que desagradava a Freud. Reich via uma estreita relação entre política e sexualidade.

Além dessa contradição entre os modos de pensar, ambos se posicionam de maneira divergente no tocante à cultura. Os dois se encontram pela última vez na casa de Freud em 1929, antes de Reich se mudar para Berlim. Nesse encontro Freud considera que os instintos devem se adaptar à cultura, vinda em primeiro lugar. A abolição da ordem repressiva poderia ser mais danosa. Reich, ao contrário, numa atitude otimista e não resignada, considera que as instituições podem ser reorganizadas para atender às necessidades do ser humano (Hinchey, 2002).

Sem clima para continuar em Viena, Reich muda-se para Berlim, onde viveu de 1930 a 1933. Filia-se ao partido comunista alemão e envolve-se intensamente com a política e a psicanálise, tentando unir as idéias de Marx com aquelas de Freud. Estava preocupado com o avanço do nazismo e com o interesse crescente das pessoas nessa ideologia. Cria o movimento “SEXPOL”, onde promove debates sobre sexualidade e política, dirigindo-se principalmente aos jovens

e ao operariado. Mas nem os psicanalistas nem os comunistas viam com bons olhos essa ideia.

Em 1931 publica “O Combate Sexual da Juventude”, livro destinado aos adolescentes, onde esclarece questões ligadas à vida sexual, enquanto Annie Reich, sua mulher, publica “Se Teu Filho de Pergunta” livro de orientação sexual dirigido aos pais.

No período alemão, além do trabalho político, continua exercendo a clínica. Escreve um artigo sobre o caráter masoquista, discordando teoricamente da visão freudiana. Enquanto Freud considerava o masoquismo como uma pulsão biológica de morte, uma tendência inata a se manter no sofrimento (Freud, 1969), Reich passa a considerá-lo uma pulsão secundária, aprendida e que pode ser modificada através da análise (Reich, 1995). Na sua perspectiva otimista da vida não há pulsão de morte. O artigo publicado na Revista Internacional de Psicanálise em 1932, marca uma ruptura teórica com Freud, cujas divergências anteriores os levava a Berlim.

Em 1932 escreveu “Psicologia de Massas do Fascismo”, enquanto assistia a ascensão do fascismo e a adesão crescente das massas às promessas de Adolf Hitler. Preocupado com o fenômeno, participava intensamente de movimentos de conscientização da população. Em 1933 o livro foi publicado pela primeira vez na Dinamarca, sendo reeditado no ano seguinte e traduzido para várias línguas. Cópias atravessaram as fronteiras alemãs e foram acolhidas por simpatizantes. Em 1935 foi proibido pelos fascistas na Alemanha. Em 1946 foi publicado pela primeira vez na Inglaterra. A atual edição brasileira é uma tradução da edição alemã, revista e confrontada com a última versão inglesa.

Em 1933 publicou também “Análise do Caráter”, ano em que foi obrigado a fugir da Alemanha devido à chegada de Hitler ao poder. Nessa época acaba sendo expulso do partido comunista e da Associação Psicanalítica Alemã. Permaneceu por alguns meses na Suécia e na Dinamarca até se estabelecer em Oslo, onde viveu até 1939. Com a eclosão da segunda guerra mundial vai para os Estados Unidos onde permanece até a sua morte, dezoito anos depois.

O período norte americano foi marcado por perseguições políticas, uma vez que Reich viveu ali durante a fase macartista de “caça às bruxas” dos anos 1950. Sofreu severas acusações de charlatanismo pelas suas experiências com a energia orgônica e o uso de acumuladores de energia. Condenado e preso, faleceu oito meses depois na penitenciária Federal de Lewisburg, Pensilvânia, em novembro de 1957.

No livro “Psicologia de Massas do Fascismo” Reich estuda o comportamento das massas diante do movimento fascista, aplicando seus conhecimentos clínicos sobre a estrutura do caráter humano no cenário político e social. Opõe-se à visão de que o fascismo seja uma característica nacional dos alemães

e japoneses. Para ele o movimento é a expressão da estrutura de caráter irracional do homem médio, cujos impulsos sexuais foram reprimidos. Analisou cuidadosamente o papel que a família autoritária e a igreja representam não apenas no fascismo, mas em qualquer misticismo organizado. O livro é, portanto universal, pois o fascismo foi considerado por ele a atitude emocional e irracional básica do homem oprimido.

Após a tomada do poder pelo nacional socialismo na Alemanha em 1933, o fascismo torna-se um fenômeno internacional e em muitos países sobrepõe-se ao movimento socialista revolucionário. Além da análise do caráter do homem que se deixa envolver pelo fascismo, Reich criticou e apontou erros no movimento marxista de então, que ele chamou de marxismo comum para diferenciar das ideias originais de Marx.

Por volta de 1930, todos os partidos políticos e a igreja chamavam atenção para as necessidades materiais das pessoas, para a fome e a miséria. Assim, isso não era mais uma característica exclusiva do partido socialista, não sendo, portanto, suficiente para atrair as massas. Nesse contexto de miséria e de crise social, o misticismo do fascismo prevalecia sobre a teoria econômica do socialismo.

Para Reich faltou também a compreensão de que o fascismo no começo da sua transformação em um movimento de massa combatia principalmente a classe média alta, assim não podia ser considerado como defensor do capital. Agora não era só a classe média que se voltava para a direita, mas também muitas pessoas do proletariado. Racionalmente seria de se esperar que os trabalhadores empobrecidos desenvolvessem uma consciência de sua posição social o que os levaria a se livrarem da miséria social. Mas na visão do autor foram justamente as massas miseráveis que contribuíram para a ascensão do fascismo.

Considerando que as obras de Marx e Engels perderam o seu potencial revolucionário, Reich observou que métodos flexíveis foram convertidos em fórmulas rígidas e que toda a existência humana foi reduzida ao problema do desemprego e salário. A concepção marxista básica compreendia a concepção do trabalho como uma mercadoria, a concentração do capital em poucas mãos, o que acarretaria a miséria progressiva dos trabalhadores. Daí a necessidade de expropriação dos expropriadores, já que a maioria da população dos países industrializados vivia em condições de miséria. Apesar dessa concentração do capital em poucas mãos, não houve a expropriação dos expropriadores.

A questão fundamental colocada no livro consiste, então, em saber o que impede a correspondência saudável entre a situação econômica e a estrutura psíquica dessas massas populares. Qual a essência da estrutura psicológica das massas e a sua relação com

a base econômica da qual se origina?

O marxismo comum deixa de lado a vida psíquica, o fator subjetivo. Os processos internos, as necessidades ou pulsões são negados. Já a psicanálise ignora o fator social dos processos psíquicos. O livro em questão é, portanto, a análise da ideologia do fascismo nos princípios da economia sexual, o que harmonizaria a psicologia profunda de Freud com a teoria econômica de Marx. Reich entendia que a existência humana é determinada tanto pelos processos instintivos quanto pelos processos socioeconômicos. Na economia sexual, a psicanálise representa a mãe, e a sociologia representa o pai. Desse modo, na psicologia política de Reich, o que se estuda é o fator subjetivo da história, a estrutura do caráter do homem numa determinada época e a estrutura ideológica da sociedade que ela forma. Não se opõe à sociologia de Marx quando sugere uma visão psicológica dos fenômenos sociais, nem se afasta da psicanálise quando considera os fatos econômicos constituintes da formação de caráter.

O autor diferencia a psicologia política, que estuda apenas as pessoas individualmente, da psicologia de massas que estuda os processos psíquicos comuns a uma classe, excluindo as diferenças individuais. Aqui, todas as condições humanas são importantes, não apenas o processo de trabalho, como também as realizações mais pessoais e mais íntimas do instinto e do pensamento humanos.

Os traços básicos das estruturas de caráter correspondentes a uma determinada situação histórica já se constituem na primeira infância e apresentam características muito mais conservadoras do que as forças de produção técnica. Com as experiências, as estruturas psíquicas ficam aquém das rápidas mudanças das condições sociais de onde se originaram. E mais tarde entram em conflito com novas formas de vida.

O que acontece na psicologia de massas?

A ideologia das massas não coincide necessariamente com a situação econômica delas, pois nem sempre esta se traduz em consciência política. Pode haver, portanto uma dicotomia entre a situação social e a consciência social. Se um trabalhador faz greve devido aos baixos salários a sua ação está diretamente ligada à sua situação econômica. O mesmo acontece com o esfomeado que rouba para comer. Nesses casos há uma correspondência direta entre a ideologia e a situação econômica.

Para a psicologia social, a questão é colocada em termos opostos: por que a maioria dos esfomeados não rouba e a maioria dos explorados não faz greve? O importante para Reich é a descoberta do que inibe o desenvolvimento dessa consciência, fato esse irrelevante para o que ele chama de a “economia tacaña”.

Para se compreender a relação entre repressão sexual e exploração humana é necessário compreender a instituição social básica. É nos primeiros anos

de vida, na família autoritária, que se dá a inibição moral da sexualidade natural da criança. A igreja continua essa função quando o indivíduo se torna adulto. A educação autoritária é a base psicológica das massas em todas as nações para a aceitação e o estabelecimento da ditadura (Reich, 1982).

Essa inibição torna a criança medrosa, tímida, submissa, obediente e dócil no sentido autoritário da palavra. A última etapa é o grave dano à sexualidade genital (madura). Isso leva a uma paralisação das forças de rebelião porque qualquer impulso vital é associado ao medo. “A estrutura humana debate-se na contradição entre o desejo intenso de liberdade e o medo de liberdade” (Reich, 1982, p. 305). O sexo sendo um assunto proibido leva a uma paralisação geral do pensamento e do espírito crítico. “O medo de liberdade das massas humanas manifesta-se na rigidez biofísica do organismo e na inflexibilidade do caráter” (Reich, 1982, p.305).

A inibição sexual altera a estrutura do homem oprimido economicamente de tal maneira que “ele passa a agir, sentir e pensar contra os seus próprios interesses materiais” (Reich, 1982, p.30). Também cria na estrutura do indivíduo uma força secundária que também apóia ativamente a ordem autoritária. Quando a repressão impede a sexualidade de atingir a satisfação normal, o indivíduo recorre a satisfações substitutas: a agressão natural se torna sadismo, que é a base psicológica das guerras imperialistas. Também o efeito do passo de gancho executado ritmicamente, o exibicionismo de uma parada militar são exemplos de satisfações substitutas. Todas essas situações exploram a sexualidade reprimida da juventude que se tornou sexualmente faminta.

“Ora, é do nosso conhecimento que a repressão sexual serve para mecanizar e escravizar as massas humanas. Assim, sempre que se depara com a repressão autoritária e moralista da sexualidade infantil e adolescente, e com uma legislação sexual que a apóia, pode-se concluir, com segurança, a presença de fortes tendências autoritárias e ditatoriais no desenvolvimento social, independentemente dos chavões a que recorrem os respectivos políticos” (Reich, 1982, p. 203).

O problema prático da economia sexual é a eliminação das inibições que impedem o desenvolvimento do desejo de liberdade. A energia psíquica das massas que assistem entusiasmadas a um jogo de futebol não poderia ser novamente reprimida se conseguisse libertar-se de suas cadeias.

A ideologia autoritária da família na psicologia de massas do fascismo

Uma característica dos discursos nos comícios nacional-socialistas era a habilidade em manejar as emoções dos indivíduos e evitar qualquer argumentação objetiva. Hitler apontou que a tática

certa na psicologia de massas era prescindir da argumentação, apontando às massas apenas o objetivo final.

“O povo, em sua maioria, tem natureza e atitude tão femininas que os seus pensamentos e ações são determinados muito mais pela emoção e sentimento do que pelo raciocínio” (Mein Kampf, citado por Reich, 1982, p.183).

Mas a história pessoal de Hitler e a sua estrutura emocional não são relevantes para a compreensão do nacional-socialismo. O que importa é saber o motivo pelo qual as massas se deixam iludir politicamente, porque se tornam receptivas ao embotamento.

A inibição sexual é o elo de ligação à família autoritária. O vínculo biológico original da criança com a mãe e vice-versa leva a uma fixação indissolúvel e a uma incapacidade de estabelecer novas relações emotivas. A base dos vínculos familiares é o vínculo com a mãe. As concepções de pátria e nação são, no seu fundo emocional, concepções de mãe e de família. Nas classes médias a mãe é a pátria da criança e a família é a nação em miniatura.

Essa ligação fixa e inconsciente com a mãe passa a ser um produto social na medida em que se transforma em ligação familiar e nacionalista. É nessa perpetuação socialmente motivada que a ligação com a mãe constitui a base do sentimento nacionalista do adulto, transformando-se numa força social reacionária. Dessa maneira, o objetivo da moralidade fascista é a criação de indivíduos submissos que se adaptem à ordem autoritária. Assim, a estrutura autoritária do homem é basicamente produzida através da fixação das inibições e medos sexuais (repressão dos impulsos sexuais).

Para compreendermos melhor porque a família e a igreja são consideradas pela economia sexual como reprodutores do sistema social autoritário, tomemos um exemplo dado por Reich: a esposa conservadora de um trabalhador passa tantas privações quanto uma trabalhadora liberada, mas vota no partido fascista. A inibição moral impede a conservadora de tomar consciência de sua situação social e liga-a fortemente à igreja.

O Estado autoritário tem o pai como seu representante, pois o pai reproduz nos filhos, especialmente naqueles do sexo masculino, a sua atitude de submissão para com a autoridade. Desse tipo de relação passiva e obediente vai resultar a relação de obediência à figura do *Führer*. A posição do pai exige as maiores limitações sexuais à mulher e aos filhos. As mulheres criam uma atitude de resignação forçada por uma revolta sexual recalcada. Os filhos criam, além da submissão para com a autoridade, uma identificação com o pai. Essa é a base da identificação emocional com todo tipo de autoridade.

Na psicologia de massas o *Führer* nacionalista é a personificação da nação. Essa ligação pessoal com ele só se estabelece se ele encarnar a nação

em conformidade com o sentimento nacional das massas. Ele atrai todas as atitudes emocionais que foram num dado momento devidas ao pai, severo, mas também protetor e poderoso na visão infantil. É essa necessidade das massas por proteção que torna o ditador capaz de conseguir tudo. Nenhuma democracia autêntica se assenta sobre essa base.

Quanto mais desamparado se tornou o indivíduo de massa, mais acentuada é a sua identificação com o *Führer*. A necessidade infantil de proteção é disfarçada sob a forma de um sentimento em relação ao *Führer*. Com essa identificação, sente-se defensor da herança nacional. A sua situação miserável no campo material e sexual é escamoteada pela exaltação da ideia de pertencimento a uma raça dominante e de ter um *Führer* brilhante. Com isso não percebe que está numa posição insignificante de submissão.

Sobre o comportamento religioso

O comportamento religioso ou místico é regido por princípios semelhantes aos já mencionados no caráter das massas. Os estudos clínicos sobre o caráter são o ponto de partida para a compreensão do comportamento das massas também diante da religião. Os fenômenos individuais são processos típicos de como as idéias são incutidas nas pessoas.

A idéia básica das religiões patriarcais é a negação da necessidade sexual. Biologicamente o homem religioso está sujeito às mesmas tensões sexuais que os outros. Mas perde a capacidade de experimentar o processo de tensão e satisfação da libido, que seria o processo natural do ser humano. Assim fica num estado crônico de excitação física, pois a sua energia sexual não é descarregada.¹ Procura então a felicidade “ilusória” – o som do órgão, do sermão, a escuridão mística das igrejas.

A religião é incutida na criança na primeira infância. A idéia de Deus é associada ao pai e à mãe. Quem não respeita o pai comete um pecado, ou seja, quem se entrega ao prazer sexual (masturbação infantil) é castigado, pois Deus vê tudo. Assim a criança tem que ser boazinha mesmo na ausência dos pais. Essas inibições e fraquezas sexuais que são os pré-requisitos para a existência da família autoritária são mantidas pela religião, que incute no indivíduo o sentimento de culpa sexual. Há uma relação estreita entre religião e negação do desejo sexual. A fraqueza sexual vai diminuir a autoconfiança. A compulsão para manter o recalçamento sexual provoca o desenvolvimento de concepções patológicas de honra e dever.

O homem religioso, com uma sensação enorme de desamparo, perde a capacidade para a felicidade e a agressividade necessárias ao combate das dificuldades da vida. Esse homem desenvolve uma indiferença

passiva à própria vida onde o seu anseio por Deus é, na realidade, o anseio originado pela sua excitação sexual anterior ao prazer e que exige ser satisfeito.

“Onde deve o jovem procurar a força para reprimir a sua sensibilidade genital? Na fé em Jesus! E o jovem encontra de fato nessa fé uma força poderosa contra a sua sexualidade. Qual é a base desse mecanismo? A experiência mística transporta-o a um estado de excitação vegetativa que nunca chega à satisfação orgástica natural” (Reich, 1982, p.153).

Esse combate da sexualidade infantil e adolescente nas sociedades autoritárias é condição básica à construção de ideologias nacionais de cunho fascistas. Todos os tipos de comportamentos metafísicos são decorrentes do mesmo processo de negação sexual.

O conteúdo da teoria da raça

A teoria racial era o eixo da ideologia fascista alemã. A raça germânica era geneticamente superior e para melhorar tinha que evitar cruzamentos com outras raças, pois isto significaria o declínio da raça superior. O declínio de uma cultura poderia ser atribuído à mistura de raças. Conservar o sangue e a raça puros deveria ser a tarefa mais sublime de uma nação. E para isso todos deveriam estar prontos para qualquer sacrifício.

Hitler dividia a humanidade em três raças: as fundadoras da civilização, as portadoras da civilização e as destruidoras da civilização. A única raça fundadora de uma civilização seria a ariana, pois dela provinham os alicerces das criações humanas. Os asiáticos, que seriam portadores da civilização, limitaram-se a absorver a civilização ariana. Os judeus seriam uma raça destruidora de civilizações.

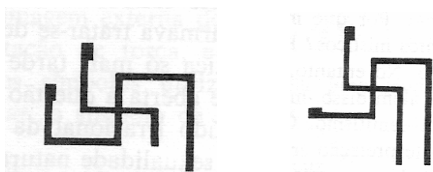
Quando em épocas de crise o poder ditatorial reforça sempre a propaganda a favor da moralidade, da consolidação do casamento e da família. Isso se deve aos interesses da classe dominante para manter a moralidade da classe média baixa. Não existe maior ameaça para um ditador do que essa classe perder a sua atitude moralista em relação ao sexual. Uma das principais concepções políticas do nacional socialismo e do seu anti-semitismo tem raízes no medo irracional da sífilis. Consequentemente a pureza da raça era a pureza do sangue.

O símbolo da suástica

A suástica tem um conteúdo capaz de tocar no ponto mais íntimo da vida emocional, porém de uma maneira totalmente diferente do que Hitler podia imaginar. Fazendo uma pesquisa sobre a suástica através dos tempos Reich encontra menção da sua existência em vários locais: entre os semitas, no pátio dos Mirtos do Alhambra, em Granada; nas ruínas da sinagoga de Edd-Dikke, na Jordânia oriental; na Grécia, chamada de *Hemera*; na toalha do altar da Igreja Maria zur Eiesa, em Soest, no séc. XIV. Todas elas representam originariamente um símbolo sexual.

¹ Reich denomina de *potência orgástica* a capacidade do indivíduo descarregar completamente a tensão sexual reprimida, através do ato sexual, chegando à plena satisfação. A maioria das pessoas não é orgasticamente potente. Reich, 1982.

Figura 1
Suásticas



Fonte: Heirinch, H. *Hakenkreuz, Vierkleer und Granatapfel*. 1930: p.42 apud Reich, p. 96.

O efeito produzido pela suástica não é o responsável pelo êxito da propaganda fascista, mas contribui para isso. O símbolo representando duas figuras entrelaçadas provocaria uma forte excitação no organismo, que se tornaria mais forte quanto mais insatisfeita sexualmente a pessoa estivesse.

A família camponesa

Na concepção reichiana o ser humano saudável, genitalmente satisfeito, é corajoso, responsável, honrado e controlado sem fazer alarde disso. Ao contrário, o indivíduo afetado por contradições na sua estrutura sexual tem que estar sempre atento para controlar a sua sexualidade. Essa estrutura era enraizada na classe média baixa.

O Partido Nacional Socialista para as eleições de 1932 teve seu sucesso inicial nos interesses dos grandes proprietários agrícolas. Mas tendo que ganhar os pequenos e médios agricultores, não podia defender abertamente os interesses dos grandes proprietários. Tinha que dirigir seus apelos àqueles pequenos e médios.

A ideologia fascista da organização hierárquica do Estado tem como modelo a organização hierárquica da família camponesa. Sendo essa uma nação em miniatura, a base para a absorção da ideologia imperialista está presente no campesinato e na classe média baixa. Para Reich, o trabalhador consciente da sua competência é o oposto disso. Ele se identifica com o seu trabalho e não com o *Führer*. Sente-se líder porque realiza um trabalho importante para a sociedade e não porque se identifica com o *Führer*.

O autor diferencia a mentalidade do operário industrial médio daquela do trabalhador de classe média baixa pela atitude natural daquele em relação à sexualidade.

A incapacidade de liberdade

A humanidade, está biologicamente doente, é o que Reich chamou de “peste emocional”, uma espécie de somatório de todas as funções vitais irracionais existentes no animal humano. As massas funcionariam por mecanismos irracionais representados pelas ideologias políticas e a “a política é a expressão irracional dessa doença” (Reich, 1982,

p.304). O autor constrói uma dicotomia entre um

irracionalismo que é inerente às massas, convocado por um misticismo que permite a aceitação das estruturas repressivas. No outro lado, existe uma racionalidade que é colocada em cena pela atividade do trabalho, pelo trabalho vitalmente necessário, indispensável à manutenção da vida humana e ao funcionamento da sociedade. Quando não é vitalmente necessário, a não realização deste em nada altera o rumo da sociedade e da vida humana. O não-trabalho é aquela atividade que é prejudicial ao processo da vida. “A ideologia política da classe dominante representou o não-trabalho como um sinal de sangue nobre” (Reich, 1982, p. 363).

“Não tenho uma ideologia que me obrigue a ser racional, por motivos éticos ou quaisquer outros. O comportamento racional me é naturalmente imposto pelo meu trabalho, de modo objetivo. Acabaria morrendo de fome se não me esforçasse por proceder racionalmente. O meu trabalho me corrige imediatamente, cada vez que eu tento encobrir as dificuldades com ilusões, pois não posso eliminar a paralisia biopática com ilusões, do mesmo modo que um maquinista, um arquiteto, um agricultor ou um professor não podem produzir, por meio de ilusões, o trabalho que lhes compete. Também não exijo racionalidade. Ela existe em mim objetivamente e independentemente de mim mesmo e da peste emocional” (Reich, 1982, p. 362).

O anseio socialista representa o desejo de liberdade de toda a forma de opressão. A liberdade, para Reich, “é a responsabilidade de cada indivíduo pela construção da sua existência pessoal, profissional e social, de forma racional” (Reich, 1982, p. 303), ou seja, uma forma de compromisso. Contudo, o compromisso, na estrutura de caráter das massas humanas sob o fascismo gera medo da responsabilidade inerente.

“As massas humanas, em consequência de milênios de distorção social e educacional, tornaram-se biologicamente rígidas e incapazes de liberdade; não são capazes de estabelecer a coexistência pacífica” (Reich, 1982, p. 302).

E foi exatamente esse medo que levou o movimento socialista à esfera política, à aceitação do Estado por parte das burocracias partidárias. E, conforme Reich apontou quanto à teoria marxista, a instituição da liberdade compete ao Estado. No rastro desse pensamento, o Estado é uma máquina de repressão. O medo que acompanha as massas humanas não permitiu que Marx fosse ouvido. A esperança revolucionária na União Soviética, por um regime de autogestão da sociedade não se concretizou, pois “a estrutura biopática das massas e os meios para efetuar uma mudança básica nessa estrutura não eram conhecidos” (Reich, 1982, p. 243).

A redenção pela democracia do trabalho

A perspectiva reichiana da economia sexual é bastante otimista considerando o quadro patológico

traçado por ele sobre as massas humanas. Do mesmo modo que o irracionalismo se expandiu através dos processos ideológicos e do misticismo, o inverso, a racionalidade do homem pode ser propagada no processo de trabalho.

“A incapacidade de liberdade por parte das massas humanas não é inata. Os homens não foram desde sempre incapazes de liberdade; portanto, fundamentalmente, poderão torna-se capazes de liberdade” (Reich, 1982, p. 206).

A democracia do trabalho é o sistema que permite a confirmação da racionalidade humana. Seria o inverso da repressão e do controle, a idéia é a autogestão da sociedade. Ao invés de um Estado opressor, ou de um modo de produção autoritário, que domine a liberdade, as atividades do trabalho vitalmente importantes à manutenção da vida “corrigiriam” qualquer deslize, qualquer irracionalismo. Pela atividade do trabalho as pessoas são convocadas a utilizar a racionalidade ao invés da irracionalidade, típica das massas sob ideologias fascistas.

“A democracia do trabalho é o processo natural do amor, do trabalho e do conhecimento, que governou, governa e continuará governando a economia e a vida social e cultural do homem, enquanto houver uma sociedade. A democracia do trabalho é a soma de todas as funções da vida, governada pelas relações racionais interpessoais, que nasceram, cresceram e se desenvolveram de uma maneira natural e orgânica” (Reich, 1982, p. 294).

Outro ponto importante verificado no seu trabalho clínico de análise do caráter é a afirmação de que a consciência sexual leva ao fim do misticismo, uma vez que a excitação mística é a excitação sexual inibida. O misticismo é o recalque da sexualidade, é o não funcionamento da economia sexual.

“É extremamente importante a relação entre a vida sexual do trabalhador e o desempenho em seu trabalho. É errado pensar que se trabalha tanto mais quanto mais energia sexual for desviada da satisfação natural. O que ocorre é o inverso: quanto mais satisfatória é a vida sexual, tanto mais produtivo e satisfatório é o trabalho” (Reich, 1982, p. 279).

Reich finalizou essa edição do livro apontando que os desastres do século XX podem proporcionar uma retomada dos processos racionais, um esforço por processos de autogestão da sociedade e uma

conquista pela satisfação das necessidades humanas. “Nesse mundo, não existiria a política, pois ela se tornaria supérflua” (Reich, 1982, p. 373).

Infelizmente no século XXI essas ideias na prática ainda estão pouco presentes no mundo. O irracionalismo continua a provocar as guerras e a manter os regimes autoritários. O livro continua atual.

O pensamento de Reich aqui expresso representou a primeira grande tentativa de elaboração de uma crítica da ideologia capitalista a partir da psicanálise, levando em conta tanto a sua moral sexual, quanto a ideologia da família e a educação para o trabalho. Foi o primeiro a criticar as condições de miséria social e moral em que vivia o proletariado da Alemanha e da Áustria. O seu pensamento mobilizou seguidores em várias partes do mundo..

Referências

- Albertini, P e Bedani, A. Política e sexualidade na trajetória de Reich: Berlim (1930-1933). *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Vol. 61, No 2 (2009). Acessado de: <http://146.164.3.26/seer/lab19/ojs2/index.php/ojs2/article/view/499/323> em 24/10/2009.
- Boadella, D. (1985). *Nos caminhos de Reich*. São Paulo: Summus.
- Freud, Sigmund. O problema econômico do masoquismo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- Reich, W. (1942-1982). *A Função do Orgasmo*. Tradução: Maria da Glória Novak. 7ª. ed. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1933-1995). *Análise do Caráter*. Tradução de M. Lizette Branco e Marina Manuela Pecegueiro da ed. alemã de 1956. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1933-2001). *Psicologia de Massas do Fascismo*. Tradução: Maria da Graça M. Macedo. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Sharaf, M. (1983). *Fury on Earth: a Biography of Wilhelm Reich*. New York: St. Martin's Press.
- Hinchey, Kevin, 2002. *Man's right to know: the Wilhelm Reich story* (filme) Wilhelm Reich Infant Trust. Acessado de: http://www.youtube.com/watch?v=A_yhTvZJ_K4

Recebido: 12/08/2009
Última Revisão: 15/10/2009
Aceite Final: 11/12/2009

Sobre os autores

Dayse de Marie Oliveira e Maria Helena Simão Cruz - Doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.